

3. A última parte do texto é integralmente dedicada ao comentário do poema. Começa por uma curta introdução que descreve sucintamente as vicissitudes por que o texto passou até atingir a forma com que é hoje apresentado ao público. A entrada no poema é assinalada pela paragrafação numérica, inserida à margem, para salientar a integração dos tópicos, na ordem pela qual são abordados.

Estes são quatro: as três partes em que consensualmente se divide o poema, seguidas de um comentário ao modo como ele foi recebido pelos filósofos e pelos sofistas gregos — 1. O proêmio; 2. A via da verdade; 3. A via da opinião; 4. Parmênides e a herança eleática (cada um deles articulado e subdividido em parágrafos distintos). A repetição dos algarismos iniciais significa que o parágrafo seguinte faz parte do anterior, enquanto a mudança indica a passagem a outra questão.

Devo ainda uma palavra de agradecimento a todos os que me auxiliaram com a leitura atenta de alguma das sucessivas versões por que foi passando o texto, até atingir a forma atual. E não posso deixar de mencionar Maria José Figueiredo, Helena Ramos, Pedro Vidal e Graça Pina, além do revisor, cuja competência e acribia já se tornou entre nós lendária, senhor Manuel Joaquim Vieira. Devo-lhes a chamada de atenção para muitas passagens duvidosas, erradas e imprecisas, que afetavam sua compreensão do texto.

JOSÉ TRINDADE SANTOS

TEXTO NOVO

27/03/13

H. F. I

(4)

## Poema de Parmênides

DA NATUREZA

### *Fragmento 1*

Os corcéis que me transportam, tanto quanto o ânimo me impele, conduzem-me, depois de me terem dirigido pelo caminho famoso da divindade, que leva o homem sabedor por todas as cidades. Por aí me levaram, por aí mesmo me levaram os habilíssimos corcéis, puxando o carro, enquanto as jovens mostravam o caminho. O eixo silvava nos cubos como uma siringe, incandescendo (ao ser movido pelas duas rodas que vertiginosamente o impeliam de um e de outro lado), quando se apressaram as jovens filhas do sol a levar-me, abandonando a região da Noite para a luz, libertando com as mãos a cabeça dos véus que a escondiam. Aí está o portal que separa os caminhos da Noite e do Dia, encimado por um dintel e um umbral de pedra; o portal, etéreo, fechado por enormes batentes, dos quais a Justiça vingadora detém as chaves que os abrem e fecham.

A ela se dirigiram as jovens, com doces palavras,

persuadindo-a habilmente a erguer para elas por um instante a barra do portal. E ele abriu-se, revelando um abismo hiante, enquanto fazia girar, um atrás do outro, os estridentes goncos de bronze, fixados com pregos e cavilhas. Por aí, através do portal, as jovens guiaram com celeridade o carro e os corcéis. E a deusa acolheu-me de bom grado, mão na mão direita tomando, e com estas palavras se me dirigiu: "Ó jovem, acompanhante de aurigas imortais, tu, que chegas até nós transportado pelos corcéis, Salve! Não foi um mau destino que te induziu a viajar por este caminho — tão fora do trilho dos homens —, mas o Direito e a Justiça. Terás, pois, de tudo aprender: o coração inabalável da realidade fidedigna<sup>1</sup> e as crenças dos mortais, em que não há confiança genuína. Mas também isso aprenderás: como as aparências têm de aparentemente ser, passando todas através de tudo".

### Fragmento 2

Vamos, vou dizer-te — e tu escuta e fixa o relato que ouviste — quais os únicos caminhos de investigação que há para pensar: um que é, que não é para não ser, é caminho de confiança (pois acompanha a realidade); o outro que não é, que tem de não ser, esse te indico ser caminho em tudo ignoto, pois não poderás conhecer o não-ser, não é possível, nem indicá-lo [...]

1. Preferimos a lição *eupitheos*: (Sexto Empírico, *Adversus Mathematicos* VII 111: "fidedigna") à tradicional e mais freqüente *eukkleos*: (Simplicio, *De caelo* 557, 25), por sustentar a oposição entre os vários termos com as raízes que encontramos no v. 30 ("crenças dos mortais"/"confiança verdadeira").

Em favor de *eukkleos* pode-se dizer que indicaria a circularidade da verdade (veja-se os frags. 5 e 8. 43). Dados os óbvios méritos de ambas as lições, a preferência é justificada pela importância desempenhada pela família de termos, no contexto do prómio.

### Fragmento 3

[...] pois o mesmo é pensar e ser.

### Fragmento 4

Nota também como o que está longe pela mente se torna firme-  
[mente presente:  
pois não separarás o ser da sua continuidade com o ser,  
nem dispersando-o por toda a parte segundo a ordem do mundo,  
nem reunindo-o.

### Fragmento 5

[...] para mim é o mesmo  
por onde hei de começar: pois aí tornarei de novo.

### Fragmento 6

É necessário que o ser, o dizer e o pensar sejam; pois podem ser, enquanto o nada não é: nisto te indico que reflitas. Desta primeira via de investigação te <afasto><sup>2</sup>, e logo também daquela em que os mortais, que nada sabem, vagueiam, com duas cabeças: pois a incapacidade lhes guia no peito a mente errante; e são levados, surdos ao mesmo tempo que cegos, aturdidos, multidão indecisa, que acredita que o ser e o não-ser são o mesmo e o não-mesmo, para quem é regressivo o caminho de todas as coisas.

### Fragments 7-8

Pois nunca isto será demonstrado: que são as coisas que não são; mas afasta desta via de investigação o pensamento,

2. Reconstituição conjectural de Diels — *eirgô* —, "afasto" (termo que ocorre em 7.2). Nesta situação, em que qualquer opção é consentida ao intérprete, são-lhe exigidas boas razões para apresentar uma nova sugestão. Por exemplo, N.-L. Cordero, *Les deux chemins de Parménide*, Paris, 1984, 24, 132-144, propõe *arxei*, "começarás", para argumentar que na Via da Verdade a deusa aponta apenas dois caminhos: "que é" e "que não é". Mas a interpretação não colheu grande apoio entre os estudiosos.

não te force por este caminho o costume muito experimentado, deixando vagar olhos que não vêem, ouvidos soantes e língua, mas decide pela razão a prova muito disputada de que falei.

Só falta agora falar do caminho que é. Sobre esse são muitos os sinais de que o ser é ingênito e indestrutível, pois é compacto, inabalável e sem fim; não foi nem será, pois é agora um todo homogêneo, uno, contínuo. Com efeito, que origem lhe investigarias? como e onde se acrescentaria? Nem do não-ser te deixarei falar, nem pensar: pois não é dizível, nem pensável, visto que não é. E que necessidade o impeliaria a nascer, depois ou antes, começando do nada? E, assim, é necessário que seja de todo, ou não. Nem a força da confiança consentirá que do não-ser nasça algo ao pé do ser. Por isso nem nascer, nem perecer, permite a Justiça, afrouxando as cadeias, mas sustêm-nas: esta é a decisão acerca disso — é ou não é —; decidido está então, como necessidade, deixar uma das vias como impensável e inexprimível (pois não é via verdadeira), enquanto a outra é e é autêntica. Como poderia o ser perecer? Como poderia gerar-se? Pois, se era, não é, nem poderia vir a ser. E assim a gênese se extingue e da destruição não se fala. Nem é divisível, visto ser todo homogêneo, nem num lado é mais, que o impeça de ser contínuo, nem noutro menos, mas é todo cheio de ser e por isso todo contínuo, pois o ser é com o ser. Além disso, é imóvel nas cadeias dos potentes laços, sem princípio nem fim, pois gênese e destruição foram afastadas para longe, repelidas pela confiança verdadeira. O mesmo em si mesmo permanece e por si mesmo repousa, e assim firme em si fica. Pois a potente Necessidade o tem nos limites dos laços, que de todo o lado o cercam.

Portanto não é justo que o ser seja incompleto: pois não é carente; ao [não-]ser, contudo, tudo lhe falta. O mesmo é o que há para pensar e aquilo por causa de que há [pensamento].

Pois, sem o ser — ao qual está prometido —, não acharás o pensar. Pois não é e não será outra coisa além do ser, visto o Destino o ter amarrado para ser inteiro e imóvel. Acerca dele são todos os nomes<sup>3</sup> que os mortais instituíram, confiantes de que eram reais: “gerar-se” e “destruir-se”, “ser e não ser”, “mudar de lugar” e “mudar a cor brilhante”. Visto que tem um limite extremo, é completo por todos os lados, semelhante à massa de uma esfera bem rotunda, em equilíbrio do centro a toda a parte; pois, nem maior, nem menor, aqui ou ali, é forçoso que seja. Pois nem o não-ser é, que o impeça de chegar até ao mesmo, nem é possível que o ser seja maior aqui, menor ali, visto ser todo inviolável: pois é igual por todo o lado, e fica igualmente nos limites. Nisto cesso o discurso fiável e o pensamento em torno da verdade; depois disso as humanas opiniões aprende, escutando a ordem enganadora das minhas palavras. E estabeleceram duas formas, que nomearam, das quais uma não deviam nomear — e nisso erraram —, e separaram os contrários como corpos e postaram sinais, separados uns dos outros: aqui a chama do fogo etéreo, branda, muito leve, em tudo a mesma consigo, mas não a mesma com a outra; e a outra também em si contrária, a noite sem luz, espessa e pesada. Esta ordem cósmica eu ta declaro toda plausível, de modo que nenhum saber dos mortais te venha transviar.

3. Lendo *onomastai* em vez do tradicional *onomi'estai* de Diels, apoiado em L. Woodbury, “Parmenides on Names”, *Essays in Ancient Greek Philosophy I*, Anton & Kustas (eds.), Albany, 1971, 145-162.

*Fragmento 9*

Mas, uma vez que tudo é chamado luz ou noite  
e o conforme a estas potências é dado a isto e àquilo,  
tudo é igualmente cheio de luz e de noite obscura,  
ambas iguais, visto cada uma delas ser como nada.

*Fragmento 10*

E conhecerás a natureza do éter e no éter de todos os  
sinais e dos raios da pura lâmpada do sol  
as obras destruidoras, e de onde nascem,  
e conhecerás as obras que rodam em torno da lua de olho redondo  
e a sua natureza, e saberás do céu que os tem à volta,  
e de onde nasce, e como guiando-o a Necessidade o obriga  
a conter os limites dos astros.

*Fragmento 11*

... como a terra e o sol e a lua  
e o éter que a tudo é comum e a Via-Láctea e o Olimpo  
extremo e o calor ardente dos astros forçados a nascer.

*Fragmento 12*

Pois as coroas mais estreitas enchem-se de fogo sem mistura  
e as que vêm à noite depois destas, mas com elas lança-se uma  
[parte de chama.  
No meio delas está a divindade que tudo governa;  
pois em tudo comanda o parto doloroso e a mistura,  
impelindo a fêmea a unir-se ao macho, e ao contrário  
o macho à fêmea.

*Fragmento 13*

Primeiro que todos os deuses, concebeu Eros.

*Fragmento 14*

Facho noturno, em torno à terra, alumiado a uma alheia luz

*Fragmento 15*

Sempre à espreita dos raios do sol.

*Fragmento 15a*

Parmênides no poema diz que "a terra tem raízes na água".

*Fragmento 16*

Pois, tal como cada um tem mistura nos membros errantes,  
assim aos homens chega o pensamento; pois o mesmo  
é o que nos homens pensa, a natureza dos membros,  
em cada um e em todos; pois o mais [o pleno] é o pensamento.

*Fragmento 17*

À direita os machos, à esquerda as fêmeas.

*Fragmento 18*

Quando a mulher e o homem juntos misturam as sementes de  
[Vênus,  
a força que se forma nas veias a partir de sangues diversos,  
mantendo o equilíbrio, gera corpos bem formados.  
Se, contudo, misturados os semens, as forças se opõem,  
e não fazem unidade, misturados no corpo, cruéis,  
atormentam o sexo da criança com o duplo sêmen.

*Fragmento 19*

Assim, segundo a opinião, as coisas nasceram e agora são  
e depois crescerão e hão de ter fim.  
A essas os homens puseram um nome que a cada uma  
[distingue.